

apresentação

O desenho deste número, dedicado a pensar *maneiras* de se ver o contemporâneo, divide-se em cinco blocos: *Experiências*, *Exercícios*, *Varia*, *Resenhas* e *Entrevistas*. Os textos, entre outros traços que os caracterizam, possuem em comum o fato de não tomarem o termo “política” no sentido *stricto sensu*: não reveem engajamentos, não transformam autores e personagens em emblemas de uma classe, nação ou partido nem exaltam determinados fins ou práticas que a literatura, na imensa diversidade que a constitui, alguma vez plasmou.

“Políticas”, no plural, corrobora justamente o que uma linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), criada em 2013, pretende sugerir: pesquisas em torno de tangenciamentos, recortes e releituras de uma série de aspectos relacionados à escrita, à vida, à ética, à memória, à tradição (como também ao que os ensaios deste dossiê contemplam: o colonialismo, o feminino, a multidão, a comunidade, a poesia, a arte).

Jacques Rancière pontuou, tempos atrás, algo que amplia essa discussão: política entendida como forma de experiência, um comum partilhado e, ao mesmo tempo, com partes exclusivas.

O texto de abertura do dossiê é um exemplo do que se enuncia. A partir da análise de leituras filosóficas – Blanchot, Deleuze, Agamben, Hardt, Negri e Žižek – sobre o célebre escritor de Melville, *Bartleby*, o autor propõe cautela no que se refere à ligação ligeira entre política e literatura: “A literatura tem uma política que lhe é própria. E, nesse sentido, se *Bartleby* se parece com a literatura, ou vice-versa, é num esquivar-se à interpretação que fragmenta, multiplica, dispersa leituras possíveis mais do que as rechaça em bloco como impossíveis”.

A frase “*I would prefer not to...*” é acompanhada de reticências. Esse deslizamento parece marcar não apenas a indecidibilidade (presente nessa “estranha e recente instituição chamada literatura”, como nos lembra Derrida, em entrevista resenhada neste número da *Aletria*), como também apontar o caráter fugidio, sutil, *delicado* (esquece-se curiosamente que esta última palavra é também sinonímia de política) do fazer literário.

É assim que, no segundo ensaio desse bloco, a escrita e a posição de Maurice Blanchot, nos anos 1930, é reavaliada. Contradições são marcadas com o objetivo de acompanhar como, com o passar do tempo, o entendimento do termo “política” se alterou na escrita blanchotiana. No ensaio “Vidas célebres, vidas minúsculas: Vasari, Foucault, Michon”, o significante “vida”

é rastreado. Os termos “vidas infames”, “vidas célebres”, “vidas minúsculas” recebem dedicada análise e reflexão. Uma importante inversão da relação entre política e vida ressoa, também, no texto seguinte, sobre Dostoiévski: “não a política enquanto utilitarismo racional a ditar a vida, mas a vida – a essência *compartilhada* e a prática *constituente* do amor – a escrever a política”. Finaliza, por fim, essa primeira seção uma leitura a contrapelo, via política de gênero, sobre a construção do corpo e o lugar da obra de Júlia Lopes de Almeida, em *A caolha*.

Na segunda seção deste número, *Exercícios*, a prática da poesia é lida nos três ensaios. Destacam-se, no primeiro texto, poetas contemporâneos, como Valère Novarina, Nathalie Quintane, Carlito Azevedo e Sérgio Medeiros. Levam-se em consideração as possibilidades éticas abertas por uma relação entre teatro e poesia. Já no segundo ensaio, poesia e política são analisadas pelo tangenciamento do conceito de contemporâneo, de Giorgio Agamben, como a ambivalência do tempo presente (e também da poesia) de ser ou não ser apreendido. Imagens, ideologias e afetos presentes nos poemas de João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes são aqui relidos. A revista argentina *Poesia=Poesia* e a cena que envolve o escritor Roberto Juarroz recebem, no terceiro texto desse bloco, curiosa reelaboração, uma tentativa de localizar uma rubrica etopoética na produção desse importante poeta.

Na seção *Varia*, encontra-se, como é sabido, um espaço para artigos que não se dedicam ao tema do dossiê. A imagem do cisne em Baudelaire, em viés comparativista, e a análise da fortuna crítica de Raul Pompéia, na qual se marca a incidência da subjetividade do autor na urdidura textual, são as propostas dos dois textos.

Retorna, nas *Resenhas*, a temática deste número. Percebe-se, no livro de Eduardo Lourenço, a recomposição de quase duas dezenas de ensaios (a maioria inéditos para o leitor brasileiro) sobre o “problema colonial português” visto por esse crítico lúcido e inquieto.

A famosa entrevista com Jacques Derrida, lançada como livro há pouco pela Editora UFMG, em notável tradução, é trazida aqui num texto em que se pontua a relevância do discurso desse crítico que questionou os fundamentos do saber ocidental.

Marca-se, também, na última resenha, a importância da modalidade textual que se ampara na trama animada por perguntas e respostas. No livro organizado por Fabio Akcelrud Durão, o pensamento de Robert Hullot-Kentor é melhor compreendido. As *ideias de verdade não têm autor*: eis o título do livro que discorre, entre outros assuntos, sobre Adorno, teoria crítica, marxismo.

Por fim, a *Aletria* agradece a contribuição de todos os autores (e também a potente rede de pareceristas que possibilitaram esta publicação) e, especialmente, a dois grandes artistas que responderam às questões que mobilizam a constituição deste número. Trata-se do poeta português Manuel de Freitas e da artista plástica brasileira Rivane Neuenschwander. Os seus olhares, as suas obras, possibilitam-nos aberturas para uma comum *partilha do sensível*. Trata-se do poeta português Manuel de Freitas e da artista plástica brasileira Rivane Neuenschwander (cuja entrevista encontra-se exclusivamente na versão digital desta revista).

Sabrina Sedlmayer
Silvina Rodrigues Lopes